

Usos da Biblioteca por estudante de Educação Superior

Ivanilson Bezerra da Silva*

Luiz Percival Leme Britto**

* Teólogo. Graduando em Pedagogia na Uniso.
e-mail: rev.ibs@ibest.com.br

** Professor do Programa de Pós-graduação da Uniso. Presidente da Associação de Leitura do Brasil.
e-mail: luis.britto@uniso.br.

Resumo

O estudante de Ensino Superior passa por várias estratégias de aprendizagem durante o processo de formação acadêmica. Porém, delimitou-se neste trabalho a atenção ao uso da Biblioteca como estratégias de construção do conhecimento e espaço interdisciplinar capaz de contribuir para uma prática educacional de ensino e pesquisa. Neste sentido, tem como preocupação central analisar os modos como o estudante de Educação Superior usa a biblioteca e o efeito disto em sua formação. Os dados foram estruturados conforme resultados do questionário aplicado a alunos do curso de Pedagogia da Universidade de Sorocaba.

Palavras-chaves

Biblioteca Universitária; estudante de ensino superior; hábito de estudo.

Abstract

A university student goes through various learning strategies during his academic training. However, in this study, attention is focussed on the use of the library as a strategy for the construction of interdisciplinary knowledge capable of contributing to an educational practice based on investigation. In this way, our central concern is the analysis of how students utilize the library and the effect that it may have in their formation. The data were collected with the use of questionnaires, interviews and direct observation of pedagogy students in the University of Sorocaba.

Key Words

University Library, university student, habits of study

O presente artigo faz parte de um macro-projeto de pesquisa, desenvolvido na Universidade de Sorocaba, que visa *investigar compreender as estratégias de aprendizagem em atividades de estudos por estudantes universitários*.

A partir desta idéia propõe-se analisar: *como o estudante universitário usa a Biblioteca e o efeito disto na sua formação*. Portanto, a pesquisa elaborada, insere-se num contexto de investigação sobre hábito de estudo. Esta compreensão nos remete para o universo bibliotecário, que supõe um lugar em que o estudante de Ensino Superior desenvolva hábitos de estudo e realize pesquisa.

A relevância do problema é evidenciado à medida que se compreende que o conhecimento não somente se constrói no espaço interativo da sala de aula, mas também, dentro do espaço científico-social maior que é a instituição e as relações que nela se estabelecem.

Destaques-se que este trabalho tem escopo limitado, restringindo-se a um perfil de Curso superior – os dados foram colhidos em uma universidade comunitária, de perfil regional¹.

Além disso, Deve-se considerar as enormes transformações por que passa o Educação Superior no Brasil, em função das mudanças no modo de produção e acumulação do capital e do significativo crescimento do nível médio da escolaridade do brasileiro nos últimos 25 anos, o que implicou a necessidade de o trabalhador investir em sua formação escolar para poder buscar a posição no mercado de trabalho.

Finalmente, compõe este quadro a

advertência de Silva Jr. e Sguissardi (2001) de que não há efetivamente investimento em pesquisa e construção de conhecimento na maior parte das Instituições de Ensino Superior no Brasil, prevalecendo a pesquisa limitada a algumas IES estatais, as quais encontram cada vez mais dificuldades de manter seu nível de atuação.

São muitos os estudos atuais sobre universidade que apontam o caráter mercantilista que ela vem adquirindo (cf. Bittar 2002; Silva JR. E Squisardi 2001; Catani 2002; Chauí 2001; Britto 2003; Castanho 2002, entre outros). Este caráter tem sido construído em função das políticas educacionais estabelecidas nos últimos anos. Segundo a maioria dos estudos, a universidade vem deixando de ser agência de construção crítica do saber, para ser agência de produção de mão de obra qualificada para o mercado econômico.

Tal constatação demonstra que o crescimento estrondoso do Ensino Superior privado não implicou avanço na pesquisa nem e uma política pedagógica eficiente e apropriada aos segmentos sociais que vieram sendo incorporados à Educação Superior.

A questão central deste trabalho fundamenta-se em duas questões: 1. Por que é difícil estabelecer um comportamento acadêmico-científico apropriado, em particular em IES periféricas? e 2. Quais são e de onde vêm as dificuldades de estudar, ler e produzir do estudante de Ensino Superior?

A resposta à primeira pergunta seria a de que o estudante de Educação Superior divide seu tempo de formação com outros afazeres, como, por exemplo, o traba-

lho, limitando-se a estar na faculdade no tempo-aula. Espera-se que o estudante de nível superior possa ter uma experiência acadêmica que o capacite para aplicar seu conhecimento. Neste sentido, a sala de aula não pode ser o único ou privilegiado espaço de formação.

Parte-se do pressuposto que o conhecimento é uma construção social. Neste sentido, compreende-se que o conhecimento é construído à medida que o sujeito interage com o seu meio social e cultural. Dois autores importantes podem ser evocados para justificar esta afirmativa. Em primeiro lugar, temos as contribuições de Vigotsky, para quem, segundo Oliveira, “o homem transforma-se de biológico em sócio-histórico, num processo em que a cultura é parte essencial da constituição da natureza humana” (Oliveira 1997, p. 14).

O ser humano não está isolado. É parte integrante de um processo histórico-social. Então, sua relação com o mundo é uma relação mediada. Vygotsky diferenciou dois elementos mediadores: os instrumentos e o signos. A mediação é um processo que o sujeito sofre em sua relação social, resultando da maneira que internaliza o que ocorre no mundo à sua volta.

É através da relação interpessoal concreta com outros homens que a pessoa interioriza as formas culturalmente estabelecidas de funcionamento psicológico. Portanto, a interação, seja diretamente com outros membros da cultura, seja através dos diversos elementos do ambiente culturalmente estruturado, fornece a matéria-prima para o desenvolvimento psicológico do indivíduo (Oliveira, 1997, p. 38).

Britto, referindo-se do pensamento de Vigotsky, afirma que

a aprendizagem é vista como um processo impregnado pelas formas culturais e que tem lugar num contexto de relação e de comunicação interpessoal. Ao dar destaque ao papel do outro como mediador entre o sujeito que aprende e o objeto do conhecimento, Vygotsky salienta o papel da escola – e, especificamente, do professor no processo de aprendizagem e de desenvolvimento humano. A escola e ao professor, enquanto agentes sociais, cabe o papel de criar condições para que se produza uma interação construtiva entre aquele que aprende e o objeto de conhecimento (2002, p. 6)

Outro fator relevante a considerar é são as capital cultural herdado pelo estudante universitário em seu contexto sócio-familiar. Para Bourdieu (2002, p.5), o desempenho ou sucesso escolar do aluno não está relacionado ao seu potencial individual, mas ao seu contexto histórico social, para ser mais específico à sua origem social.

A noção de capital cultural impôs-se, primeiramente, como hipótese indispensável para dar conta da desigualdade de desempenho escolar de crianças provenientes das diferentes classes sociais, relacionando o sucesso escolar, ou seja, os benefícios específicos que as crianças das diferentes classes e frações de classe podem obter no mercado escolar, à distribuição do capital cultural entre as classes de frações de classe (Bourdieu, 2002, p.73). Bourdieu nota diferença significativa nas oportunidades de trabalho em função das disposições sociais. Os privilegiados pelo capital cultural tiveram fácil acesso profissional, comparativamente aos que não tiveram esta oport-

tunidades e se viram obrigados a submeter-se a trabalhar em profissões pouco privilegiadas.

Na sociologia de Bourdieu, o indivíduo, conforme a análise de Cláudio Nogueira e Maria Alice Nogueira (2002, p.7): "é um ator socialmente configurado em seus mínimos detalhes. Os gostos mais íntimos, as preferências, as aptidões, as posturas corporais, a entonação da voz, as aspirações relativas ao futuro profissional, tudo seria socialmente constituído."

O uso da biblioteca

A Biblioteca constitui o maior espaço interdisciplinar da Universidade, tendo importante papel informacional (Campello, 2002, p.10). Não estamos falando no livro somente como instrumento capaz de influenciar a formação do estudante, mas de um conjunto interdisciplinar de informação no espaço da Biblioteca que pode trazer benefícios para a formação acadêmica.

Parte-se da idéia de que há um estereótipo comportamental acadêmico na vida universitária, que seria a obrigatoriedade do uso da biblioteca. Cabe, contudo, indagar: O que leva realmente o estudante universitário à Biblioteca? É a curiosidade acadêmica? É a necessidade intelectual? É a obrigatoriedade escolar? É o comportamento individual?

Quando falamos do perfil do estudante universitário, pressupomos que este seja um sujeito "letrado", que passou pelos vários níveis de escolarização. Isto implica dizer que é adquiriu certo grau de autonomia e participação social e que tenha ha-

bilidades intelectuais que o ajudem a se posicionar na história e no universo acadêmico. Em outras palavras deveria apresentar um alto nível de alfabetismo, entendido como o estado ou a condição de quem interage com diferentes discursos, saberes e comportamentos articulados em função da cultura escrita. Quanto maior for o nível de alfabetismo, maior será a frequência de manipulação de textos, a de realização de leitura autônoma, a interação com discursos menos contextualizados ou mais autorreferidos, a convivência com domínios de raciocínio abstrato, a produção de textos para registro, comunicação ou planejamento. Enfim, maiores serão a capacidade e as oportunidades do sujeito de realizar tarefas que exigem monitoração, inferências diversas e ajustamento constante.

O uso da Biblioteca pelo estudante de ensino superior está diretamente relacionado aos referenciais acima apresentados. Ao dispor deste recurso, o sujeito teria acesso a um conhecimento diferente daquele que encontra no espaço-aula. Porém, o uso meramente periférico, complementar ao que se faz em classe, trará pouco benefício, provavelmente solidificando a falta de habilidade de uso de mecanismos formais da cultural.

O que se está postulando é que simplesmente estar na biblioteca não torna o aluno um pesquisador. A diferença está na maneira de utilizar os produtos culturais de forma crítica, autônoma e criativa. Subtende-se que o uso da Biblioteca pode ser um hábito específico de estudo e produção de trabalho do universitário. Esta relação pode produzir um conhecimento acadêmico mais

criativo e crítico, pois o levaria a um universo cultural interdisciplinar mais amplo e diversificado. A Universidade pode ser um veículo que colabore na construção do conhecimento do estudante. Pode motivar a pesquisa, desenvolvendo aquilo que os pesquisadores vem chamando de ensino-pesquisa (Castanho, Balzan, Lima, Veiga 2002). Para isso, não basta a iniciativa de motivar o estudante a ser um pesquisador. Faz-se necessário analisar este tem esta habilidade, observando se ele desenvolveu esta habilidade no decorrer do seu processo de alfabetismo.

O pensador italiano Antonio Gramsci propõe uma visão muito relevante a respeito da educação:

Assim, escola criadora não significa escola de inventores e descobridores; ela indica uma fase e um método de investigação e de conhecimento, e não um 'programa' predeterminado que obrigue à inovação e à originalidade a todo custo. Indica que a aprendizagem ocorre notadamente graças a um esforço espontâneo e autônomo do discente, e no qual o professor exerce apenas uma função de guia amigável, como ocorre ou deveria ocorrer na universidade. Descobrir por si mesmo uma verdade, sem sugestões e ajudas exteriores, é criação (mesmo que a verdade seja velha) e demonstra a posse do método; indica que, de qualquer modo, entrou-se na fase da maturidade intelectual na qual se podem descobrir verdades novas... Por isso, nesta fase, a atividade escolar fundamental se desenvolverá nos seminários, nas bibliotecas, nos laboratórios experimentais, é nela que serão recolhidas as indicações orgânicas para orientação profissional (1985, p. 125).

Na universidade, o aluno está inserido num contexto formativo que não se re-

duz à sala de aula. Seria de esperar que ele tivesse várias oportunidades intelectuais e culturais fora do espaço-aula, tendo contato com atividades formativas tais como: estudo em grupo, pesquisa científica, palestras, semana cultural, teatro, orientações acadêmicas, biblioteca, Internet, atividades políticas e outras.

Por estas e outras razões, a Universidade tem um papel relevante na construção do conhecimento e na formação cultural do aluno. Ela não se restringe à sala de aula. Ela vai além deste micro-universo cultural e de formação intelectual. O problema é que quase sempre, o aluno restringe sua vida acadêmica à sala de aula. Seu comportamento não vai além daquilo que é exigido pelo professor. Há professores e não são poucos, que limitam e restringem o aluno a ousar outros vãos no universo acadêmico, pois estes passam a maior parte do seu tempo dentro da sala de aula.

Vejamos o pensamento de Pedro Demo a respeito da pesquisa:

Importante é distinguir entre pesquisa como princípio científico e como princípio educativo. Estou trabalhando aqui sobretudo o segundo sentido, porque se trata de propedêutica básica, não de atividade profissional da pesquisa. Quer dizer, estou propondo pesquisa como estratégia fundamental de aprendizagem reconstrutiva e de gestação da autonomia do sujeito, para que possa produzir conhecimento do qual seja a referência central (Demo, 2000, p. 94).

A elaboração própria torna-se, então, atividade estratégica, em primeiro lugar porque reflete a capacidade reconstrutiva, de onde surge o impulso para a autono-

mia. O que não se elabora, fica ainda fora, adere por imitação, ou seja, não entra. Neste sentido, elaboração própria é a base da aprendizagem ativa, através da qual o aluno tenta, sob a orientação do professor, fazer-se autor, ter idéias próprias, argumentar com autonomia, entrar em polêmicas com capacidade de argumentar, propor projetos próprios.

A pesquisa

Limitamo-nos, neste primeiro momento, a pesquisar o curso de Pedagogia da Universidade de Sorocaba, que trata-se de uma Universidade comunitária, de caráter regional. Tal proposta de pesquisa foi desenvolvida com estudantes da Universidade de Sorocaba do curso de Pedagogia do 2º Período, 5º Período e 6º Período, totalizando 45 alunos, sendo que 27 deles pertencem ao 2º período, 9 alunos pertencem ao 5º e 9 deles pertencem ao 6º período. Os alunos do 2º período estudam de manhã. Os dos 5º e 6º período estudam à tarde. Os alunos do 5º e 6º período formam uma só turma.

Para fazer o levantamento empírico, foram aplicados dois questionários. O primeiro objetivou caracterizar o perfil do estudante universitário em seu contexto familiar, econômico e social. O segundo objetivou caracterizar seu comportamento no uso da biblioteca. O questionário foi aplicado com a aquiescência dos professores. A priori, foi feita uma explicação das perguntas contidas no questionário. Porém, mesmo realizando este procedimento houve respostas prejudicadas pela incom-

preensão, ou talvez, por não serem as questões suficientemente claras.

Análise do questionário

Neste primeiro momento, é válido reconstruir o perfil social dos alunos analisados. Os dados obtidos foram através da aplicação de um questionário contendo 15 questões. Esta parte do trabalho está estruturada da seguinte maneira. Na primeira parte, temos o objetivo de caracterizar o perfil do estudante universitário: estado civil, renda familiar, grau de escolaridade dos pais e o grau de escolaridade deles. Na segunda parte, o objetivo é mostrar os dados obtidos da relação aluno – biblioteca.

A maioria dos estudantes são casados. 99% são mulheres, uma característica própria do curso de Pedagogia. A renda familiar gira em torno de 6 a 10 salários mínimos. Apenas 3,5% dos alunos do 2º período afirmam ganhar mais de 20 salários mínimos. 50% dos alunos do 5º período afirmam ganhar de 11 a 20 salários. Isto mostra que os estudantes analisados enquadraram num grupo social de classe média baixa.

Em relação à escolaridade dos pais, obtivemos os seguintes resultados: 7% dos alunos do 2º período afirmam que seus pais fizeram pós-graduação. Em relação aos pais dos alunos do 5º período, 14,2% afirmam que seus pais têm pós-graduação. Em relação aos pais dos alunos do 5º período 37,5% não foram à escola e 37,5% completaram a 4ª série do ensino fundamental.

O índice de pais que cursaram ensi-

no superior é baixo nas três turmas analisadas. No 2º período, 13% apenas cursaram o ensino superior. No 5º período, 12,5% fizeram o curso superior. Na turma do 6º período, não há apontamentos. Uma fato nos chama atenção. No 6º período 14,2% de pais fizeram pós-graduação. Um fator relevante à presente pesquisa é que os pais das três turmas apresentam baixa escolaridade.

Vejamos os dados concernentes ao grau de escolaridade das mães. No 2º período apenas 3,5% das mães não foram à escola; no 5º período 25%. No 2º período, 20% não completaram a 4ª série do ensino fundamental. No 5º período, 12,5% não completaram este nível de ensino e 28,5% do 6º período não completaram. Apenas 23% das mães dos alunos do 2º período completaram o ensino médio, contra 28,5% das mães dos alunos do 6º o período.

O que se observa é que o grau de escolaridade dos pais dos alunos analisados é baixo. Isto impõe duas considerações: a realidade histórico-cultural dos alunos universitários analisados é fator determinante nas habilidades culturais e acadêmicas deles; e os alunos oriundos de contexto histórico-familiar de baixa escolaridade demonstram mais dificuldades no processo de ensino-aprendizagem.

Hipoteticamente, quanto maior a escolaridade de uma pessoa, mais habilidades sociais, pessoais, culturais e acadêmicas ela terá. Podemos dizer que quanto mais alfabetizada for a pessoa mais capaz ela será de se situar no seu contexto social e cultural (Ribeiro, 2003). A comparação do nível de escolaridade dos pais com os o

nível de escolaridade dos alunos analisados representa um salto gigantesco. De certa forma, tais alunos, oriundos de contexto familiar de baixa escolaridade, representam parcela significativa de nossa amostra.

Sendo baixa a escolaridade dos pais, pressupõe-se que eles pouco investiram na formação cultural dos seus filhos. É possível afirmar que, segundo (Bourdieu, 1998), quanto mais escolaridade uma pessoa tem, maior serão suas habilidades com os bens culturais. Isto significa dizer que a escolaridade é fator determinante nos hábitos culturais de qualquer pessoa. Em outras palavras, quanto mais maturidade intelectual uma pessoa tiver, sua geração terá mais oportunidades de compreender a importância dos bens culturais.

Vejamos em seguida a origem acadêmica dos estudantes analisados. A maioria dos alunos analisados, em média geral 80%, é oriunda da escola pública. A formação acadêmica influencia em muito as habilidades dos alunos. É de esperar que quanto maior o acesso aos processos de formação cultural, quanto maior a alfabetização e o alfabetismo da pessoa, maior será sua capacidade de se inserir numa sociedade cultural de cultura escrita.

É certo que as escolas privadas, por atender uma clientela hipoteticamente diferenciada e com maiores recursos procuram maneiras de oferecer um ensino de melhor qualidade, dado caráter extremamente competitivo do capitalismo contemporâneo. Em contrapartida, as escolas públicas, que dependem exclusivamente das iniciativas governamentais, estão produzindo alunos numa situação de plena desi-

gualdade, ainda que se reconheça o esforço de muitos educadores em praticarem uma educação de qualidade. Chamamos esta desigualdade de desigualdade cultural.

Com este perfil dos alunos analisados, passemos para o segundo aspecto da pesquisa, que se refere ao uso que estudante universitário faz da Biblioteca. Esta segunda parte tem como objetivo caracterizar a postura do estudante universitário diante da biblioteca.

Atualmente, a questão em torno da leitura tem sido muito discutida. Galvão (2003), em estudo comparativo de escolaridade e alfabetismo entre gerações distintas, revela que 63% dos entrevistados tiveram pais que não liam e 72% mães que não liam. Consta-se, desse modo, um grau de reprodução no que se refere aos usos da leitura e da escrita, entre as diferentes gerações: quanto maior o nível de alfabetismo do entrevistado, mas provavelmente teve pais e mães que sabiam ler – e ler bem. (Galvão 2003:128).

É inquestionável que existe relação muito forte entre o grau de escolaridade dos pais com o grau de escolaridade dos alunos analisados. Neste sentido, a atual pesquisa corrobora com os estudos em torno do assunto. Pra Batista, “ as famílias dos docentes pouco dotadas de capital cultural, particularmente pouco dotadas dessas competências, disposições e crenças que constituem um leitor, não podem elas mesmas transmiti-las a seus membros. (Batista 1998, p. 35).

Pode-se dizer que as estratégias familiares para a reprodução do capital cultural não acontecem, ou acontece menos

intensamente, nas famílias de pouco capital cultural. Cabe perguntar: A relação aluno e biblioteca seria norteadada pela sua herança cultural?

Os dados obtidos mostram que o aluno universitário frequenta a biblioteca. No 2º período, 70% afirmam que usam a biblioteca com frequência. Dos alunos do 5º período, 75% afirmam que usam a biblioteca com frequência. Em relação ao 6º período, 52,2% utilizam a biblioteca com frequência. Em comparação aos outros períodos, o 6º período demonstrou que sua frequência à biblioteca é inferior, um resultado no mínimo estranho, já que era de esperar que quanto maior for escolaridade do estudante, maior seria sua participação nos mecanismos capazes de ajudá-lo em sua formação.

Quando ao modo de uso biblioteca: (sozinho ou em grupo), do 2º período, 53,3% afirmaram que vão sozinhos à Biblioteca e 30% vão em grupo. Do 5º período, 62,5% dos alunos afirmaram que vão sozinhos à biblioteca e 25% vão em grupo. Do 6º período, 71,4% afirmaram que vão sozinhos à biblioteca. Se fizermos uma comparação com a tabela 6, observa-se que a frequência dos alunos analisados à biblioteca está relacionada ao próprio horário de estudo. Apenas 10,2% dos alunos do 2º período afirmaram que utilizam a biblioteca à noite, ou seja, fora do horário de sala de aula. A biblioteca é utilizada durante o período de estudo. Parece que existe da parte do professor a preocupação em utilizar os recursos da Biblioteca como estratégia de ensino. Este dado sugere também que a relação do estudante com a univer-

sidade tende a se limitar ao tempo de aula, sem outras vivências acadêmicas, à exceção daqueles que fazem estágio ou iniciação científica.

Os estudantes analisados demonstraram que o estudo individual é um hábito mais freqüente no contexto universitário. Apesar de representar uma estratégia acadêmica, o estudo individual priva o aluno universitário de manter uma relação dialógica mais intensa no processo de ensino-aprendizagem com os demais.

Quanto ao tempo de uso da biblioteca. Dos alunos do 2º período, 23,5% afirmam que usam a biblioteca durante 30 minutos, 43,5% afirmam que utilizam a biblioteca mais de uma hora. Dos alunos do 5º período, 37,5% utilizam a biblioteca mais de uma hora, enquanto que 26,5% dos alunos do 6º período utilizam mais de uma hora. Estes dados que os alunos do 2º período têm freqüência maior e utilizam por mais tempo a biblioteca. 62,5% dos universitários do 5º período freqüentam mais de uma vez na semana a biblioteca. Em relação ao 6º período, a pesquisa revelou que 28,6% freqüentam a biblioteca mais de uma vez na semana. Outro dado interessante é que 30% dos estudantes do 2º período afirmam que vão à biblioteca somente quando solicitados.

Pode-se pressupor pelo menos três possibilidades: os 5º e 6º períodos utilizam a biblioteca apenas para retirar livros; os 5º e 6º período utilizam a biblioteca apenas para fazer consultas bibliográficas; 3) os estudantes não têm verdadeira compreensão da importância da biblioteca para sua formação acadêmica e intelectual, uma vez

que a maior parte afirma que a biblioteca é um veículo capaz de ajudá-la em sua formação. Então, por que a freqüência não corresponde com o valor que dão à biblioteca?

Pode-se postular que, apesar da importância biblioteca na sua formação, o uso que o estudante faz dela está aquém de capacitá-lo, uma vez que sua freqüência parece estar meramente relacionada a consultas bibliográficas ou a empréstimos de livros para fotocópias. Isto sugere que é consistente a tese de que a cultura acadêmica se sustenta em utilizar a fotocópia de partes de livros para realização de trabalhos ou de estudos direcionados por professores. Esta cultura da não aquisição de livros pode ser alimentada pelos próprios professores, que selecionam textos de diversos livros com a finalidade de expor sua disciplina, o que implicaria uma metodologia bastante praticista e disciplinar.

Dos alunos do 6º período, 28,6% afirmam que usam a biblioteca raramente, 14,2% afirmam que utilizam a biblioteca somente quando solicitados, e 28,6% afirmam usar a biblioteca uma vez na semana. São índices muito baixos para o nível de escolaridade.

Em relação ao que o estudante lê na biblioteca, o suporte *livro* foi o mais destacado: 66,5% dos alunos do 2º período afirmam que lêem livros, do 5º período 87,5% e do 6º período 57,1%. Os alunos não conseguiram mencionar os últimos livros que leram da biblioteca, visto que 46,5% dos estudantes do 2º período afirmaram que emprestam de 1 a 5 livros por semestre. Dos estudantes do 5º período, 25% afirmaram

que emprestam de 1 a 5 livros por semestre. Em relação aos alunos do 6º período, 42,8 afirmaram que emprestam de 1 a 5 livros por semestre. Como, então, não foram capazes de mencionar os últimos livros lidos, conforme solicitado no questionário?

A pesquisa também procurou analisar como aluno universitário avalia os recursos oferecidos pela Biblioteca. Dos estudantes do 2º período, 47% afirmaram que os recursos oferecidos pela biblioteca são ótimos; 25% dos estudantes do 5º período fizeram a mesma afirmação, contra 28,6% dos do 6º período. Porém, a maioria do 5º período e do 6º período afirmam que os recursos oferecidos são razoáveis.

Quanto à avaliação da importância da biblioteca, 63,4% dos alunos do 2º período afirmam que a biblioteca é indispensável, do 5º período 75%, em contrapartida apenas 28,6% dos alunos do 6º período afirmam que a biblioteca é indispensável, sendo que 57,1% destes alunos afirmam apenas que é necessária. Este dado é intrigante se levarmos em consideração a idéia de que quanto mais avançado em seus estudos acadêmicos, maiores seriam as habilidades de construção do conhecimento, o que incluiria um uso mais diversificado de bibliografia e, conseqüentemente, maior uso da Biblioteca. No entanto, os alunos do 6º período, conforme não parecem dar valor à Biblioteca. Isto sugere uma postura acadêmica aquém da que se esperaria de universitários prestes a terminar a graduação.

Para que fins o estudante de ensino superior utiliza a biblioteca? Sobre esta questão, 25,9% dos alunos dos 2º período apontaram a necessidade intelectual como

maior motivação e 33,3% dos alunos apontaram o trabalho de conclusão de curso como último recurso para utilização da biblioteca, sendo que 40,9% do total dos alunos do 2º período, não responderam adequadamente a esta pergunta.

Dos alunos do 5º período, 22,2% apontaram a tarefa escolar individual como a principal motivação para o uso da biblioteca e 33,3% apontaram o trabalho de conclusão de curso como menor motivação para o uso da biblioteca, sendo que 55,5% não responderam apropriadamente à questão. Dos alunos do 6º período 22,2% apontaram a tarefa escolar individual e 33,4% apontaram o trabalho em grupo como principal meio de utilização da biblioteca, e 44,4% dos alunos não souberam responder.

Comparando os três períodos, observa-se que os alunos do 2º período parecem mais motivados em utilizar a biblioteca para a construção do conhecimento que os estudantes dos 5º e 6º períodos, já que as respostas destes estão associadas a obrigatoriedade do uso da biblioteca para executar trabalhos acadêmicos individuais e em grupos. A questão é: por que os alunos mais próximos de completar seu período de formação não desenvolvem uma compreensão mais exequível da biblioteca? Isto revelaria um comportamento acadêmico anormal, uma vez que apresentam um comportamento diferente do que se esperaria.

Por último, vejamos a concepção que o estudante universitário tem da Biblioteca. Dos alunos do 2º período, 33,3% apontaram a biblioteca como um lugar de pesquisa; 22,2% apontaram a biblioteca como local de formação intelectual e 44,5% não

souberam responder a questão. Dos alunos do 5º período, tivemos os seguintes dados: 33,3% afirmam que a biblioteca é um espaço de pesquisa e 11,2% afirmam que a biblioteca é um espaço de estudo, 55,5% não responderam adequadamente à pergunta. Dos alunos do 6º período, 33,3% afirmaram que a biblioteca é um lugar de pesquisa, 22,3% afirmam que a biblioteca é um lugar de leitura e 44% não souberam responder.

Para um razoável número de estudantes dos três períodos, a biblioteca é um lugar de pesquisa. A concepção que têm da biblioteca é correta enquanto construção teórica, porém errônea em sua práxis, conforme se verifica pelas demais respostas (pesquisa, aqui, deve ser busca de texto para empréstimo). A porcentagem maior está atrelada aos estudantes que não souberam responder as questões, o que subentende que tais alunos não têm facilidade para lidar com questões mais complexas.

Análise de três depoimentos sobre a importância da biblioteca

Neste tópico, procederemos à análise de algumas narrativas dos alunos acerca da importância da biblioteca na sua formação acadêmica. Podemos partir do pressuposto que existe um comportamento do aluno universitário em relação ao uso que faz da biblioteca. Em geral ficou evidente que os alunos compreendem a importância da biblioteca na sua formação.

O primeiro caso permite que construamos a cosmovisão do aluno a respeito

da sua compreensão da biblioteca:

Para ter acesso a livros, pois não disponho recursos econômicos para adquiri-los". (Paula)

Esta é, sem dúvida, a realidade de muitos estudantes universitários de universidades periféricas e de cursos de menor prestígio. O uso da biblioteca por este aluno está associado a sua condição econômica. Paula é casada e possui renda familiar de 5 salários mínimos; seu pai completou a 8ª série e sua mãe completou o ensino médio. Afirma que o ensino fundamental foi cursado em escola pública e o ensino médio em escola particular. Afirma possuir 50 livros, algo relevante neste universo, ainda que demasiado limitado em outros. Quanto ao tempo de uso da biblioteca, afirmou que utiliza para seleção do material desejado. Sobre os fins que utiliza a biblioteca apontou o empréstimo de livros como sendo mais importante. Afirma, finalmente, que a biblioteca é um lugar de pesquisa. Podemos assumir que Paula possui uma compreensão limitada da Biblioteca. Seu comportamento acadêmico no espaço da biblioteca está relacionado a empréstimos de livros, devido sua dificuldade econômica. Outro fator relevante é que Paula tempo de uso da Biblioteca: não permanece mais do que o suficiente para a retirada do livro. Possivelmente, um livro esteja relacionado à disciplina cursada.

No segundo caso, temos o seguinte depoimento:

Quando necessário, pois procuro selecionar livros para a minha biblioteca particular". (Marlene)

Marlene é casada e afirma ter renda

familiar de 6 a 10 salários mínimos. Seu pai fez pós-graduação e sua mãe completou a 4ª série. Coursou o ensino fundamental em escola particular e o ensino médio em escola pública. Seu uso da biblioteca está relacionado a seu período de permanência na Faculdade. Afirma que permanece aproximadamente durante 30 minutos na biblioteca, tempo certamente insuficiente para elaboração de um trabalho individual ou em grupo. Afirma que tem 30 livros em casa, número relativamente pequeno para um estudante universitário. Afirma também que a biblioteca é um veículo capaz de ajudá-la em sua formação acadêmica. Diz possui o hábito de adquirir livros para a formação da sua própria biblioteca.

No terceiro caso, temos o seguinte relato:

Não pelo simples uso, mas pela necessidade de conhecimento pessoal. (Gabriela)

Gabriela afirma que tem renda familiar de 11 a 20 salários mínimos. Seus pais iniciaram, mas não completaram o curso superior. Afirmou que estudou predominantemente em escola pública, tanto no ensino fundamental como no médio. Possui um acervo de 50 livros. Utiliza a biblioteca no período da tarde, ou seja, no mesmo período em que estuda. Seu tempo de permanência na biblioteca é de 3 horas, o que parece não ser real, pois utiliza a biblioteca no mesmo período que estuda. Para ela, a biblioteca é um veículo capaz de ajudá-la em sua formação acadêmica. Sugere ser uma pessoa com concepção acadêmica amadurecida.

Os que se pode concluir dos três casos? 1. que o capital econômico e cultural

influenciam a concepção do estudante de ensino superior quanto ao uso da biblioteca; 2. que a relação dos estudantes com os bens de consumo culturais determinam seu *modus operandis* na universidade; e 3. que os alunos quanto mais escolarizados, melhor sabem utilizar as estratégias de construção do seu conhecimento.

Enfim, podemos afirmar que os alunos analisados, apesar de compreenderem a importância da biblioteca em sua formação acadêmica, não utilizam a biblioteca como estratégia de construção do saber. Seu uso está relacionado à exigência acadêmica, assumindo, desta forma, característica meramente curricular.

Considerações finais

A Educação Superior é um universo acadêmico que possibilita várias formas de construção do conhecimento. A biblioteca, dentro deste universo, é uma estratégia usada pelos estudantes na elaboração dos trabalhos acadêmicos, lugar de pesquisa escolar (entenda-se realização de tarefa estabelecida pelo docente), lugar de estudo em grupo, lugar onde se adquire conhecimento. Como tal, teria grande influência na formação intelectual do estudante universitário, possibilitando-o construir uma postura crítica diante da sua realidade histórico-social.

Na medida que se aprofunda a análise, observa-se que os estudantes, apesar de reconhecerem o valor da biblioteca, compreendem-na como um instrumento suplementar e não como uma centro de formação. Seu uso está relacionado ao tempo de

formação acadêmica, podendo demonstrar o fato de que a ela é usada por obrigação curricular.

Fica claro em nossa pesquisa que o processo de maturidade acadêmica determina a relação que o estudante estabelece com os agentes de formação cultural. É evidente também que o aluno em contato com o academicismo acaba desenvolvendo potencialidades que não foram desenvolvidas previamente, possivelmente pela falta de herança cultural desenvolvido no contexto familiar.

O ensino superior no Brasil vem passando por um processo de transformação, adquirindo um modelo competitivo, no sentido de prioritariamente formar sua clientela para o mercado de trabalho. As políticas governamentais impõem um modo de ser para a universidade que a descaracteriza como lugar de pesquisa, criticidade, criatividade e autonomia. Isto afeta o comportamento acadêmico dos estudantes, que, por si mesmos, não desenvolveram durante sua trajetória de escolarização hábitos de estudos relevantes para sua formação.

É nesta conjuntura que o estudante de ensino superior vem sendo educado. Por isso, não basta uma mudança no sentido de motivar os estudantes a desenvolver o ensino-pesquisa. É necessária uma mudança radical no modelo curricular, na sua organização, na política acadêmica, no processo de ensino e aprendizagem, no contexto formativo e nas manifestações sociais e culturais da Universidade.

O estudante universitário como ser socialmente constituído é carregado de valores ideológicos que foram internaliza-

dos em sua vida através da sua relação com o mundo. Nas palavras de Britto:

Este estudante possui características próprias formadas em seu contexto social. Neste sentido, pode se dizer que suas dificuldades em desenvolver estratégias de aprendizagem estão relacionadas a sua herança familiar, herdada no decorrer do seu desenvolvimento. Pesquisas recentes têm revelado que alunos oriundos de famílias pobres têm mais dificuldades em desenvolver os mecanismos de construção do conhecimento.

Portanto, cabe ao educador e a universidade a responsabilidade de desenvolver uma educação democrática, comprometida com a vida e para a vida, capaz de fomentar o pensamento crítico, desenvolver a autonomia, despertar a criatividade, gerar transformação pessoal e social. Num projeto desta natureza, a biblioteca deve ser mais que lugar de estudo ou de oferta dos livros adotados nas disciplinas dos diferentes cursos.

Notas

¹ Britto e Torezan (2002, p. 14), em seu estudo identificam cinco perfis básicos de IES, os quais devem ser tomados como referência, já que podem haver cominações. São eles: 1. As grandes universidades públicas, que se constituem em referência de Educação Superior e modelo de pesquisa, tais como: USP, Unicamp, UFRJ, UFMG, UFPE, UFRGS; 2. As universidades públicas regionais e as universidades históricas, que se aproximam do modelo das universidades de referência: UNESP, UFPR, UFCE, PUC-SP, PUC-RJ, PUC-RS; 3. Universidades confessionais e comunitárias, que buscam modelos político-pedagógicos alternativos e enfrentam questões específicas de gestão e financiamento; MACKENZIE, UNIMEP, UNIJUÍ, UNOCHAPECÓ, PUC-Campinas/SP, e UNISO; 4. Universidades particulares

de grandes centros urbanos, tais como UNIBAN, UNIP, UNIB, Estácio de Sá, UNIRIO, que se caracterizam por ter fins lucrativos expressos e, portanto, se constitui-

rem em formas de investimento de capital; e 5. c Cursos superiores isolados de interior, fundacionais ou privados, que atendem públicos locais.

Referências

BATISTA, Antonio Augusto Gomes. Os professores são "não leitores". In: *Leituras do Professor*. Campinas: Mercado de Letras/ ALB, 1998, p. 23-60.

BITTAR, Mariluce. Educação Superior – o "vale tudo" na mercantilização do ensino. In.: Quaestio. *Revista de estudos da educação*. v. 1, n. 1. Sorocaba/SP: UNISO, 1999.

BRITTO, Luiz Percival Leme & TOREZAM, Ana Maria. *Projeto de pesquisa: estratégias de aprendizagem em atividades de estudo por estudantes universitários*. Uniso: Sorocaba, 2002. p. 14.

BRITTO, L. P. L. Língua e Ideologia. In: *Revista de Estudos Universitários*. v. 28, n: 1. Universidade de Sorocaba: Uniso, 2002.

_____. *Contra o consenso: cultura escrita, educação e participação*. Campinas-SP: Mercado das Letras, 2003.

_____. et. all. A expansão do mestrado e novo perfil do mestrando. In: *Quaestio: Revista de Estudos de Educação*. Ano 1, n: 1. Universidade de Sorocaba, 1999.

BOURDIEU, Pierre. *Escritos de educação*. Petrópolis: Vozes, 1998. 251p.

CATANI, Afrânio Mendes e OLIVEIRA, João Ferreira. *Educação Superior no BRASIL: reestruturação e metamorfose das Universidades Públicas*. Petrópolis, RJ: Vozes, 2002.

CASTANHO, Maria Eugênia L.M (org), et. alli. *Pedagogia universitária: A aula em Foco*. Campinas: Papyrus, 2002, 248p.

CHAUÍ, Marilene. *Escritos sobre a universidade*. São Paulo: Editora da Unesp, 2001.

DEMO, Pedro. *Saber Pensar*. São Paulo: Cortez/Instituto Paulo Freire, 2000.

GRAMSCI, Antonio. *Os intelectuais e a organização da cultura*. 5 ed. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1985. 244p.

GÓES, M.C. R & SMOLKA, Ana Luiza. *A linguagem e o outro no espaço escolar: Vigotsky e a construção do conhecimento*. Campinas: 1993. 175p.

NOGUEIRA, Maria Alice. Favorecimento Econômico e Excelência Escolar: um mito em questão. In: *Revista: Sociologia da Educação* n. 14.

NOGUEIRA, Cláudio Marques Martins e NOGUEIRA, Maria Alice. A sociologia da educação de Pierre Bourdieu: limites e contribuições. *Educação e Sociedade* [online]. abr. 2002, v. 23, n.78 [citado 20 Abril 2004], p. 15-35.

OLIVEIRA, Marta Kohl. *Vigotsky. Aprendizado e desenvolvimento - Um processo sócio-histórico*. São Paulo: Scipione, 1997. 111.

RIBEIRO, Vera Masagão, et alli. *Lentramento no Brasil: Reflexões a partir do INAF*. São Paulo: Global. 2003.

Silva, JR.; SGuISSARDI, V. *As novas faces da educação superior no Brasil – referencia de Estado e mudança na produção*. São Paulo: Cortez, 2001.

Recebido em 03 de setembro de 2004.

Aprovado para publicação em 05 de outubro de 2004.